



PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE HANSENIASE EM MENORES DE 15 ANOS NO
ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

EPIDEMIOLOGICAL PROFILE OF HANSENIASIS CASES IN CHILDREN UNDER 15 IN THE
STATE OF PERNAMBUCO, BRAZIL

Carlos Antonio de Lima Filho¹, Matheus Vinicius Barbosa da Silva², Amanda de Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque³, Alexandra Ferreira da Silva Matos⁴, Alícia Carolaine Beltrão Oliveira Ramos⁵, Raphael Moreira do Carmo de Oliveira⁶, Gustavo Barbosa Carnaúba⁷, Larissa Georgia Rodrigues Florêncio⁸, Adriana Fracasso⁹, Vinicius Gabriel Xavier da Costa¹⁰

e351423

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i5.1423>

PUBLICADO: 05/2022

RESUMO

Objetivo: traçar o perfil epidemiológico da hanseníase em menores de 15 anos, no estado de Pernambuco, no período de 2011 a 2020. **Metodologia:** descritivo, retrospectivo, com abordagem quantitativa. Os dados foram coletados através do acesso ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), base de dados que está associada ao Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), no período de fevereiro a março de 2022. A pesquisa bibliográfica foi realizada através da plataforma Google Acadêmico e o Periódico CAPES, com a análise estatística feita por meio do programa Excel 2010. **Resultados:** Durante o período estudado foram notificados 29.478 casos de hanseníase no estado de Pernambuco, sendo que 2.427 (8,23%) foram em menores de 15 anos, apresentando uma hiperendemicidade em quase todo o período. Foi observado que a maioria dos casos ocorreu em adolescentes pardos, com idade entre 10 e 14 anos, não tendo um sexo específico. A grande maioria das notificações foram de casos novos, com a classe operacional paucibacilar e forma clínica indeterminada, tendo boa parte dos adolescentes evoluído para cura sem incapacidades geradas pela doença. **Conclusão:** Conclui-se que a hanseníase ainda é um problema de saúde pública no estado, apresentando uma alta prevalência em crianças e adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Hanseníase. Epidemiologia. Saúde do Jovem

ABSTRACT

Objective: to trace the epidemiological profile of leprosy in children under 15 years of age in the state of Pernambuco from 2011 to 2020. **Methodology:** descriptive, retrospective, with a quantitative approach. Data were collected through access to the Notifiable Diseases Information System (SINAN), a database that is associated with the Department of Informatics of the Unified Health System (DATASUS), from February to March 2022. The bibliographic research was carried out through the Google Scholar platform and the CAPES Periodical, with statistical analysis performed using the Excel 2010 program. **Results:** During the studied period, 29,478 cases of leprosy were reported in the state of Pernambuco, of which 2,427 (8.23%) were reported. were in children under 15 years old, presenting a hyperendemicity in almost the entire period. It was observed that most cases occurred in brown adolescents, aged between 10 and 14 years, not having a specific sex. The vast majority of notifications were of new cases, with a paucibacillary operating class and indeterminate clinical form, with a large part of the adolescents progressing to cure without disabilities generated by the disease. **Conclusion:**

¹ Universidade Federal de Pernambuco

² Universidade Federal de Pernambuco

³ Universidade Federal de Pernambuco

⁴ Maternidade Escola Assis Chateaubriand

⁵ Centro Universitário Brasileiro

⁶ Centro Universitário Brasileiro

⁷ Faculdade Integrada Tiradentes

⁸ Faculdade Integrada Tiradentes

⁹ Faculdade Integrada Tiradentes

¹⁰ Faculdade Integrada Tiradentes



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE HANSENIASE EM MENORES DE 15 ANOS NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

Carlos Antonio de Lima Filho, Matheus Vinicius Barbosa da Silva, Amanda de Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, Alexandra Ferreira da Silva Matos, Alícia Carolaine Beltrão Oliveira Ramos, Raphael Moreira do Carmo de Oliveira, Gustavo Barbosa Carnaúba, Larissa Georgia Rodrigues Florêncio, Adriana Fracasso, Vinicius Gabriel Xavier da Costa

It is concluded that leprosy is still a public health problem in the state, with a high prevalence in children and adolescents.

KEYWORDS: *Leprosy. Epidemiology. Teen Health*

INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, também conhecida como bacilo de Hansen. O bacilo apresenta uma prevalência para atingir os nervos periféricos, causando distúrbios neurológicos que podem fazer com que a pessoa que sofre da doença possa apresentar incapacidades físicas e deformidades limitantes (SANTOS *et al.*, 2019).

A transmissão ocorre quando um paciente com as formas infectantes da doença, a dimorfa e virchowiana, que ainda não estão em tratamento, expõem o bacilo principalmente pelas vias aéreas (SANTOS *et al.*, 2008). Segundo Almeida *et al.* (2020), o diagnóstico é feito predominantemente por critérios clínico-epidemiológicos.

O tratamento da doença é realizado por meio da poli quimioterapia – PQT (associação dos fármacos rifampicina, dapsona e clofazimina), sendo que a periodicidade depende da classe operacional, pacientes paucibacilares realizam o tratamento por 6 meses, já os multibacilares por 12 meses, em relação à Criança e Adolescente (CeA) o tratamento é baseado na faixa de peso, os maiores de 50 kg realizam o mesmo tratamento de um adulto, entre 30 e 50 kg utilizam o tratamento específicos para o público infantil, já os que apresentam menos de 30 kg o tratamento é ajustado pelo médico (BRASIL, 2017).

A hanseníase se configura como um problema de saúde pública no Brasil, pelo fato de apresentar um alto percentual de casos da doença, ficando atrás apenas da Índia no ranking mundial de casos da doença. Em relação ao território brasileiro, a doença se comporta de maneira desigual, com a região norte e nordeste e centro-oeste apresentando uma alta prevalência dos casos em comparação às outras regiões (MARQUETTI *et al.*, 2022).

Segundo o Programa Nacional de Controle da Hanseníase, o aparecimento da doença em CeA é uma característica de grande valor epidemiológico, uma vez que, quanto maior o aparecimento de casos nesse grupo maior é a endemicidade da doença na região.

Em vista do que foi evidenciado, é de suma importância a realização de estudos epidemiológicos sobre a hanseníase nesse grupo, para que seja possível a construção de medidas para o controle da doença. Assim, esse trabalho tem como objetivo traçar o perfil epidemiológico da hanseníase em menores de 15 anos, no estado de Pernambuco, no período de 2011 a 2020.

METODOLOGIA

Esse trabalho se trata de um estudo descritivo, retrospectivo, com abordagem quantitativa (LIMA-COSTA *et al.*, 2003). O estudo foi através de dados epidemiológicos presentes no Sistema de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE HANSENIASE EM MENORES DE 15 ANOS NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

Carlos Antonio de Lima Filho, Matheus Vinicius Barbosa da Silva, Amanda de Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, Alexandra Ferreira da Silva Matos, Alícia Carolaine Beltrão Oliveira Ramos, Rafael Moreira do Carmo de Oliveira, Gustavo Barbosa Carnaúba, Larissa Georgia Rodrigues Florêncio, Adriana Fracasso, Vinicius Gabriel Xavier da Costa

Informação de Agravos de Notificação (SINAN), base de dados que está associada ao Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

A coleta de dados foi realizada através do acesso ao banco de dados do SINAN/DATASUS, sendo realizada no período entre fevereiro e março de 2022. Pelo fato de serem dados de domínio público, a acareação do mesmo pelo comitê de ética em pesquisa é descartada.

Para alcançar o objetivo proposto foram analisadas as variáveis sexo, faixa etária, raça, classe operacional, forma clínica, modo de entrada, tipo de saída e grau de incapacidade após a cura. Também foi realizado o cálculo de incidência da doença a cada 100 mil habitantes, a população usada para a realização dos cálculos é composta por menores de 15 anos, sendo usado dados do censo de 2010, pelo fato de ser o último censo realizado na região. O coeficiente foi calculado da seguinte forma:

$$\text{Coef. detecção 100.000 habitantes: } \frac{\text{N}^\circ \text{ casos em menores de 15 anos}}{\text{N}^\circ \text{ da população residente menores de 15 anos}} \times 100.000$$

O programa Excel 2010 foi utilizado para realizar a análise estatística descritiva dos dados e confecção das tabelas e gráficos. A plataforma Google Acadêmico e Periódicos CAPES foram utilizadas para a pesquisa bibliográfica.

RESULTADOS

No período estudado foram notificados 29.478 casos de hanseníase no estado de Pernambuco, sendo que 2.427 (8,23%) ocorreram em menores de 15 anos. O Gráfico 1 mostra o coeficiente de detecção por 100 mil habitantes dos casos de hanseníase em menores de 15 anos no estado. É possível perceber que no período de 2011 a 2015, apesar de ser observado uma redução desse número, o coeficiente de detecção demonstrou que foram anos hiperendêmico para hanseníase no estado, a partir de 2016 foi observado um menor índice de detecção em comparação com os anos anteriores, com a transmissibilidade da doença, saindo de um patamar hiperendêmico, diminuindo para muito alto, até chegar ao ano de 2020, onde foi observado o menor número do período (4,3), chegando em um patamar alto de transmissibilidade.

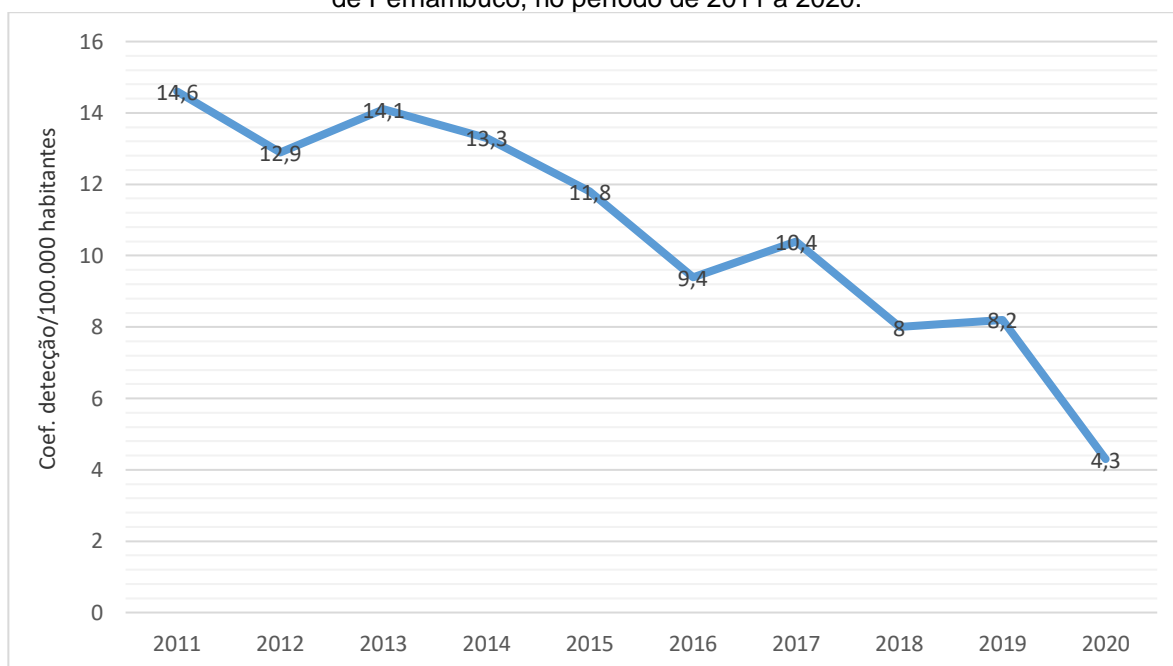


RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE HANSENIASE EM MENORES DE 15 ANOS NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

Carlos Antonio de Lima Filho, Matheus Vinicius Barbosa da Silva, Amanda de Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, Alexandra Ferreira da Silva Matos, Alícia Carolaine Beltrão Oliveira Ramos, Raphael Moreira do Carmo de Oliveira, Gustavo Barbosa Carnaúba, Larissa Georgia Rodrigues Florêncio, Adriana Fracasso, Vinicius Gabriel Xavier da Costa

Gráfico 1. Coeficiente de detecção anual de hanseníase em menores de 15 anos no estado de Pernambuco, no período de 2011 a 2020.



Fonte: Autores, 2022. (A partir de dados coletados do SINAN/DATASUS).

A Tabela 1 mostra os casos de hanseníase segundo sexo, faixa etária e raça. No que se refere ao gênero, foi observado uma maioria discreta dos casos em indivíduos do sexo masculino com 1.243 (51,2%) em comparação com 1.184 (48,8%) no sexo feminino, em relação a faixa etária foi observado que a maioria dos casos ocorreram em indivíduos de 10-14 anos, com 1.402 (57,8%) casos, seguido em indivíduos de 5-9 e 1-4, somando 872 (35,9%) e 152 (6,3%) casos, respectivamente. A Tabela 1 ainda mostra que houve uma grande notificação de casos em indivíduos pardos, com 1.499 (61,8%) casos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE HANSEIASE EM MENORES DE 15 ANOS NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

Carlos Antonio de Lima Filho, Matheus Vinicius Barbosa da Silva, Amanda de Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, Alexandra Ferreira da Silva Matos, Alícia Carolaine Beltrão Oliveira Ramos, Rafael Moreira do Carmo de Oliveira, Gustavo Barbosa Carnaúba, Larissa Georgia Rodrigues Florêncio, Adriana Fracasso, Vinicius Gabriel Xavier da Costa

Tabela 1. Casos de hanseníase segundo sexo, faixa etária e raça em menores de 15 anos no estado de Pernambuco, no período de 2011 a 2020

VARIÁVEIS	CASOS	%
SEXO		
Masculino	1.243	51,2
Feminino	1.184	48,8
FAIXA ETÁRIA		
1-4	153	6,3
5-9	872	35,9
10-14	1.402	57,8
RAÇA		
Ignorado/Branco	243	10,0
Branca	389	16,0
Preta	275	11,3
Amarela	14	0,6
Parda	1.499	61,8
Indígena	7	0,3
TOTAL	2.427	100

Fonte: Autores, 2022. (A partir de dados coletados do SINAN/DATASUS).

Quando analisarmos a classe operacional, presente na Tabela 2, foi observado uma grande predominância da forma paucibacilar (61,0%) em comparação com a multibacilar (38,9%), com uma maior forma clínica indeterminada com 756 (31,1%) casos, apesar da baixa predominância da forma mais grave da doença, a Virchowiana, com 119 (4,9%), foi notado um alta notificação de outras formas preocupantes da doença, a tuberculóide (27,7%) e dimorfa (26,6%), quase alcançando os casos da forma indeterminada.

Tabela 2. Casos de hanseníase segundo classe operacional e forma clínica de notificação em menores de 15 anos no estado de Pernambuco, no período de 2011 a 2020

VARIÁVEIS	CASOS	%
CLASSE OPERACIONAL		
Ignorado/Branco	1	0,1
Paucibacilar	1.481	61,0
Multibacilar	945	38,9
FORMA CLÍNICA NOTF		
Ignorado/Branco	83	3,4
Não classificada	151	6,2
Indeterminada	756	31,1
Tuberculóide	673	27,7
Dimorfa	645	26,6
Virchowiana	119	4,9
TOTAL	2.427	100

Fonte: Autores, 2022. (A partir de dados coletados do SINAN/DATASUS).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE HANSENIASE EM MENORES DE 15 ANOS NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

Carlos Antonio de Lima Filho, Matheus Vinicius Barbosa da Silva, Amanda de Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, Alexandra Ferreira da Silva Matos, Alícia Carolaine Beltrão Oliveira Ramos, Rafael Moreira do Carmo de Oliveira, Gustavo Barbosa Carnaúba, Larissa Georgia Rodrigues Florêncio, Adriana Fracasso, Vinicius Gabriel Xavier da Costa

Quando analisados os dados presentes na Tabela 3 percebe-se que a maior parte dos casos registrados foram de casos novos, com 2.194 (90,4%), o que significa que a cadeia de transmissão no estado continua ativa, apesar da grande maioria dos casos evoluírem para cura (1.971 sendo 81,2% dos casos), percebe-se que há um grande número de casos que não tiveram a avaliação da incapacidade notificada, o que pode mascarar o real dano da doença nesse grupo.

Tabela 3. Casos de hanseníase segundo modo de entrada, tipo de saída e avaliação da incapacidade de cura em menores de 15 anos no estado de Pernambuco, no período de 2011 a 2020

VARIÁVEIS	CASOS	%
MODO DE ENTRADA		
Ignorado/Branco	2	0,1
Caso novo	2.194	90,4
Transf. do mesmo município	61	2,5
Transf. de outro município	43	1,8
Transf. de outro estado	20	0,8
Transf. de outro país	3	0,1
Recidiva	25	1,0
Outros ingressos	79	3,3
TIPO DE SAÍDA		
Não preenchido	83	3,4
Cura	1.971	81,2
Transf. p/ o mesmo município	64	2,6
Transf. p/ outro município	73	3,0
Transf. p/ o outro estado	24	1,0
Transf. p/ o outro país	1	0,1
Óbito	3	0,1
Abandono	153	6,3
Erro diagnóstico	55	2,3
AVAL INCAP CURA		
Em branco	824	34,0
Não avaliado	211	8,6
Grau 0	1.307	53,9
Grau 1	60	2,5
Grau 2	25	1,0
TOTAL	2.427	100

Fonte: Autores, 2022. (A partir de dados coletados do SINAN/DATASUS).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE HANSENIASE EM MENORES DE 15 ANOS NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

Carlos Antonio de Lima Filho, Matheus Vinicius Barbosa da Silva, Amanda de Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, Alexandra Ferreira da Silva Matos, Alícia Carolaine Beltrão Oliveira Ramos, Rafael Moreira do Carmo de Oliveira, Gustavo Barbosa Carnaúba, Larissa Georgia Rodrigues Florêncio, Adriana Fracasso, Vinicius Gabriel Xavier da Costa

DISCUSSÃO

Analisando os valores do coeficiente de detecção pode-se constatar que Pernambuco passou por dois momentos em relação à hanseníase. Em um primeiro momento (2011 a 2015), o coeficiente ultrapassou o número de 10 casos a cada 100 mil habitantes, o que configurou o estado com hiperendêmico para doença, em um segundo momento, que se inicia a partir de 2016, a queda desse coeficiente, mais se mantendo em um patamar alto de transmissibilidade. Essa redução pode ser reflexo do Programa Sanar (programa elaborado pelo governo estadual com o objetivo de criar estratégias de combate às doenças negligenciáveis predominante no estado, incluindo a hanseníase), uma vez que a redução observada tem relação direta com o início das atividades do programa, a partir de 2013.

Diversos estudos presentes na literatura apontam que nos adultos há uma maior prevalência da doença na população masculina, alguns autores relatam que esse fato é devido a maior exposição do homem ao agente etiológico, principalmente em seus locais laborais, e a sua resistência em procurar assistência primária à saúde (SOUZA *et al.*, 2018; MONTEIRO *et al.*, 2017). O presente estudo mostra que, apesar de mínima, houve uma maior prevalência de casos em CeA do sexo masculino, estudos que abordaram o mesmo grupo, como o de Nunes *et al.* (2019) e o de Alves *et al.* (2020), também trouxeram dados semelhantes, porém outros estudos (SANTOS *et al.* 2020; MOURA *et al.* 2013), constataram que houve um maior porcentual em CeA do sexo feminino. Assim, é possível constatar que, diferente da população adulta, a hanseníase não apresenta uma diferença entre um gênero específico quando abrange as CeA.

A faixa etária mais prevalente foi a de 10 a 14 anos, esses achados corroboram com outros estudos presentes na literatura, como o de Luna *et al.* (2018) que demonstrou a ocorrência de 58,62% de casos no município de Juazeiro (Bahia) nessa faixa etária. A maior prevalência de CeA mais velhas pode estar associada ao longo período de incubação, já que segundo Moreira *et al.* (2019) esse tempo pode durar em média de 2 a 7 anos, com alguns casos podendo chegar a mais de 10 anos.

Em relação à raça, Santos *et al.* (2020) acreditam que a maior notificação desse grupo é devida à miscigenação da população brasileira. Essa informação também pode ser explicada pelo estudo de Blanger *et al.* (2021) que relata que, pelo fato de ser considerada uma doença negligenciada, ela atinge com mais frequência as pessoas em condições socioeconômicas mais baixas, característica essa que muitas vezes é vivenciada pela população parda e negra.

A classificação operacional da hanseníase (paucibacilar e multibacilar) foi criada pela OMS para auxiliar na escolha do tratamento, e devido a sua facilidade de uso é amplamente utilizada por diversos países, incluindo o Brasil. Ela se baseia no quantitativo de lesões na pele do doente, que se possuir até cinco lesões são classificados como paucibacilar, e se o número for maior que cinco são multibacilar (LIMA FILHO *et al.*, 2021; SANTOS *et al.*, 2017). Alguns pacientes não possuem lesões pela pele, sendo classificados então pela forma clínica da doença, as indeterminadas e tuberculóide



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE HANSENIASE EM MENORES DE 15 ANOS NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

Carlos Antonio de Lima Filho, Matheus Vinicius Barbosa da Silva, Amanda de Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, Alexandra Ferreira da Silva Matos, Alícia Carolaine Beltrão Oliveira Ramos, Rafael Moreira do Carmo de Oliveira, Gustavo Barbosa Carnaúba, Larissa Georgia Rodrigues Florêncio, Adriana Fracasso, Vinicius Gabriel Xavier da Costa

(consideradas formas paucibacilar) são as com menor gravidade, quando comparamos com a dimorfa e virchowiana (consideradas formas multibacilar), que são aquelas que podem gerar incapacidades físicas (BRASIL, 2017).

No presente estudo foi observado que houve um maior número de casos com a classificação operacional paucibacilar, como uma leve predominância da forma clínica indeterminada, característica que se espera em caso de hanseníase em CeA, uma vez que, segundo Imbiriba *et al.* (2008) devido ao período de incubação do bacilo, as formas clínicas paucibacilares (indeterminada e tuberculóide) sejam as mais prevalentes. Contudo, boa parte dos estudos presentes na literatura (SANTOS *et al.*, 2018; FREITAS *et al.*, 2018) encontram formas mais graves da doença, o que pode demonstrar que os casos de hanseníase no estado de Pernambuco vêm sendo diagnosticados precocemente.

Em relação ao modo de entrada, a maioria dos casos se enquadram como casos novos. As principais características de um caso novo de hanseníase é quando uma pessoa apresenta casos confirmados da doença e que ainda não tenham realizado algum tipo de tratamento, o principal influenciador para isso é a ocorrência de uma grande quantidade de pessoas que estão transmitindo o bacilo presente na região, fazendo com que a cadeia de transmissão para a doença permaneça ativa (SILVA *et al.*, 2020; LIMA FILHO *et al.*, 2021).

Em relação ao tipo de saída, foi observado que a grande maioria foi de alta por cura, alguns autores (RODRIGUES *et al.*, 2000) identificaram que a saída por cura se configura quando um paciente realiza o número de doses e com a regularidade indicada pelo profissional de saúde, sendo retirado do registro de pacientes com a doença ativa. Outra característica preocupante é o alto percentual de abandono, que além de poder contribuir para a prevalência da doença, pode gerar incapacidade limitantes as CeA, e o fato que boa parte dos casos não receberem a avaliação de incapacidade por cura avaliados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos chegar à conclusão de que, apesar de uma redução, a hanseníase ainda se encontra em um patamar elevado quando atinge as CeA. Foi observado que não houve uma predominância de um sexo específico, ocasionado principalmente os mais velhos de raça parda, apesar da grande prevalência do modo de entrada, se enquadrando em casos novos, a predominância da classe operacional paucibacilar e da forma clínica indeterminada sugere que os casos estão sendo diagnosticados precocemente. Outro bom indicador é o fato de que a maioria dos pacientes evoluíram para cura, contudo, o elevado números de CeA que não foram avaliados sobre a incapacidade após a cura é um fator preocupante.

O estudo apresenta limitações por se basear em dados secundários, que podem estar sujeitos a erros durante o momento de notificação. Espera-se que os próximos trabalhos possam avaliar os fatores que levam esse grupo a abandonar o tratamento, além disso, é de suma importância que sejam



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE HANSENIASE EM MENORES DE 15 ANOS NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

Carlos Antonio de Lima Filho, Matheus Vinicius Barbosa da Silva, Amanda de Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, Alexandra Ferreira da Silva Matos, Alícia Carolaine Beltrão Oliveira Ramos, Raphael Moreira do Carmo de Oliveira, Gustavo Barbosa Carnaúba, Larissa Georgia Rodrigues Florêncio, Adriana Fracasso, Vinicius Gabriel Xavier da Costa

realizados novos estudos no estado, principalmente que tentem avaliar a real incapacidade que os jovens apresentam após a alta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A. F. L.; MILAN, G. Diagnóstico de hanseníase em Porto Nacional/TO no período de 2013 a 2017. **Scire Salutis**, v. 10, n. 3, jun./set. 2020

ALVES, E. P. B.; SOUSA, A. L. C.; MIYAHARA, K. S. S.; GUERRA, M. C. S.; BARILE, K. A. S.; SARDINHA, D. M. Leprosy in minors under 15: incidence and characteristics of reported cases in the State of Pará in the period 2005 to 2013. **International Journal of Advanced Engineering Research and Science**, v. 7, p. 35-42, 2020.

BLANGER, J. G.; ALVES, L. A.; SANTOS, V. A. B. Acompanhamento dos dados de hanseníase na Bahia. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 15, p. e573101523500, 2021.

BRASIL. **Guia Prático sobre a hanseníase**. (versão eletrônica). Brasília: Ministério da Saúde Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis, 2017.

FREITAS, B. H. B. M.; XAVIER, D. R.; CORTELLA, D. C. B.; FERREIRA, S. M. B. Hanseníase em menores de quinze anos em municípios prioritários, Mato Grosso, Brasil. **Rev Bras Epidemiol**, v. 21, p.e180016, 2018.

IMBIRIBA, E. B.; HURTADO-GUERRERO, J. C.; GARNELO, L.; LEVINO, A.; CUNHA, M. G.; PEDROSA, V. Perfil epidemiológico da hanseníase em menores de quinze anos de idade, Manaus (AM), 1998-2005. **Revista de Saúde Pública** [online], v. 42, n. 6, p. 1021-1026, 2008.

LIMA FILHO, C. A.; PORTUGAL, W. M.; SILVA, A. de M.; ARAÚJO, K. M. S. T.; ALBUQUERQUE, A. O. B. C.; SILVA, M. V. B.; SILVA, D. L.; NASCIMENTO, C. H. T. A.; MODESTO, R. C.; GOMES, A. B. S. P.; VIEIRA, C. M. Perfil epidemiológico da hanseníase na região Nordeste do Brasil no período de 2016-2020. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 15, p. e529101523266, 2021.

LIMA-COSTA, M. F.; BARRETO, S. M. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 12, n. 4, p. 189-201, dez. 2003.

LUNA, I. C. F.; MOURA, L. T. R.; VIEIRA, M. C. A.; Perfil clínico-epidemiológico da hanseníase em menores de 15 anos no município de Juazeiro-BA. **Rev Bras Promoc Saude**, Fortaleza, v. 26, n. 2, p. 208-215, abr./jun. 2013.

MARQUETTI, C. P.; SOMMER, J. A. P.; SILVEIRA, E. F.; SCHRÖDER, N. T.; PÉRICO, E. Perfil epidemiológico dos acometidos por hanseníase em três estados da região Nordeste do Brasil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e38811124872, 2022.

MONTEIRO, M. J. S. D.; SANTOS, G. M.; BARRETO, M. T. S.; SILVA, R. V. S.; JESUS, R. L. R.; SILVA, H. J. N. Perfil epidemiológico de casos de hanseníase em um estado do nordeste brasileiro. **Rev. Aten. Saúde**, São Caetano do Sul, v. 15, n. 54, p. 21-28, out./dez. 2017.

MOREIRA, R. S.; COSTA, J. S.; MOREIRA-JUNIOR, V. T.; GÓES, M. A. O. Tendência temporal da hanseníase em Aracaju, Sergipe, Brasil. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, v. 9, n. 1, 3 jan. 2019.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE HANSENIASE EM MENORES DE 15 ANOS NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

Carlos Antonio de Lima Filho, Matheus Vinicius Barbosa da Silva, Amanda de Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, Alexandra Ferreira da Silva Matos, Alícia Carolaine Beltrão Oliveira Ramos, Raphael Moreira do Carmo de Oliveira, Gustavo Barbosa Carnaúba, Larissa Georgia Rodrigues Florêncio, Adriana Fracasso, Vinicius Gabriel Xavier da Costa

NUNES, P. S.; DORNELAS, R. F.; MARINHO, T. A.; Perfil clínico e epidemiológico dos casos de hanseníase em menores de 15 anos em um município da região metropolitana de Goiânia, Goiás. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 17, p. e319, 3 fev. 2019.

RODRIGUES, A. L. P.; ALMEIDA, A. P. de; RODRIGUES, B. de F.; PINHEIRO, C. A.; BORGES, D. S.; MENDONÇA, M. L. H. de; SILVA, V. E. F. da; GOULART, I. M. R. Ocorrência de reações em pacientes pós-alta por cura de hanseníase: subsídios para implementação de um programa de atenção específica. **Hansenologia Internationalis: hanseníase e outras doenças infecciosas**, v. 25, n. 1, p. 7-16, 30 jun. 2000.

SANTOS, A. A.; COSTA, A. K. A. N.; SOUZA, J. E. R.; ALVES, K. A. N.; OLIVEIRA, K. P. M. M.; PEREIRA, Z. B.; Perfil epidemiológico e tendência da hanseníase em menores de 15 anos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP** [online]., v. 54, p. e03659, 2020.

SANTOS, A. S.; CASTRO, D. S.; FALQUETO, A. Fatores de risco para transmissão da Hanseníase. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 61, n. esp, p. 738-43, 2008.

SANTOS, D. A. S.; SPESSATTO, L. B.; MELO, L. S.; OLINDA, R. A.; LISBOA, H. C. F.; SILVA, M. S. Prevalência de casos de hanseníase. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, v. 11, Supl 10, p. 4045-55, out. 2017.

SANTOS, K. C. B.; CORRÊA, R. G. C. F.; ROLIM, I. L. T. P.; PASCOAL, L. M.; FERREIRA, A. G. N. Estratégias de controle e vigilância de contatos de hanseníase: revisão integrativa. **Saúde debate**, v. 43, n. 121, apr./jun. 2019.

SANTOS, S. M. F.; SOUSA, M. T.; SANTOS, L. A.; JACOB, L. M. S.; FIGUEIRA, M. C. S.; MELO, M. C. Perfil Epidemiológico e Percepção sobre a Hanseníase em Menores de 15 anos no Município de Santarém-PA. **J Health Sci**, v. 20, n. 1, p. 61-7, 2018.

SILVA, L. S. R.; MIRITIBA, C. S.; SILVA K, J. S.; PESSOA, I. M.; SILVA. A. A.; JARDIM, M. J. A.; CARDOSO, L. S. P.; CUNHA, N. G. T.; OLIVEIRA, L. S.; RODRIGUES, R. L. Perfil clínico e epidemiológico dos casos de hanseníase em pacientes adultos em um município do Maranhão. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 9, p. e3902, 30 jul. 2020.

SOUZA, T. J.; CRUZ NETO, L. R.; LISBOA, H. C. F. Perfil epidemiológico da Hanseníase em Rondonópolis / MT: 2001 a 2010. **Saúde (Santa Maria)**, [S. l.], v. 3, n. 44, 2018.